

Literatura

Oral - Pesquisa**Humanidades - Literatura****A ESCRITA DE SI COMO CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE NAS NARRATIVAS DE LINDA BRENT****CUNHA, S., CABRAL, G. S.***suelemdacunha@gmail.com, gla@unesc.net***Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
Laboratório / Grupo de Pesquisa: pibic***Palavras-chave: Autobiografia; Harriet Jacobs; Narrativas de Escravos***Introdução**

Philippe Lejeune define autobiografia como uma "narrativa retrospectiva em prosa produzida por uma pessoa real a respeito de sua própria existência, com foco em sua vida individual, em particular no desenvolvimento de sua personalidade" (1982, p. 193). O caráter narrativo da identidade já foi apontado por Paul Ricoeur em sua obra *Tempo e Narrativa* (2011).

A construção da identidade não é apenas um jogo gratuito e descolado da realidade, como afirma Lejeune: "não brinco de me inventar. Ao seguir as vias da narrativa, ao contrário, sou fiel à minha verdade: todos os homens que andam na rua são homens-narrativa, e é por isso que conseguem parar em pé" (p. 104).

Tomando por base o trabalho de Philippe Lejeune, os estudos culturais e autores que discutem as narrativas de escravos do século XIX, nosso trabalho busca compreender e problematizar os processos identitários presentes na obra *Incidents in the life of a slave girl: written by herself* (1861), escrita por Harriet Jacobs (1813-1897), sob o pseudônimo de Linda Brent.

Metodologia

Nosso trabalho, caracterizado com pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, busca discutir primeiramente o gênero autobiográfico como instrumento de luta do movimento antiescravagista norte-americano. Em segundo lugar, aportamos também questões ligadas ao tema da cultura, raça e etnia, com base em Stuart Hall e Kabengele Munanga, além da especificidade da condição da mulher.

Resultados e Discussão

A narrativa de Harriet afilia-se a um gênero já consagrado e em alta: a autobiografia de escravos. Harriet tem objetivos concretos e dirige-se especificamente à mulher branca que mora no Sul dos Estados Unidos e que, portanto, pode mudar a opinião pública. A obra de Harriet Jacobs

evidencia que o sujeito se constrói pela linguagem e pela narrativa. A luta pela liberdade dos escravos em pleno séc. XIX passa pelo domínio da linguagem e pela publicação de histórias de vida e formato de livros, panfletos e artigos em jornais populares. O livro de Jacobs testifica o quanto as instituições da sociedade (o sistema econômico, os aparatos jurídicos, políticos e educacionais) criam e determinam as identidades dos sujeitos. Nesse caso, segundo o testemunho de Jacobs, a escravidão deforma o caráter tanto de negros quanto de brancos, ao criar não apenas uma identidade negra, oprimida e explorada, mas também ao forjar uma identidade branca opressora, alienada e exploradora.

Conclusão

A narrativa de Jacobs afilia-se a um gênero já consagrado no período anterior à Guerra da Secessão: a autobiografia de escravos. Ela é comedida nas expressões, altamente focada na representação da mulher negra hibridizada, oprimida, em busca da sua liberdade, em defesa da sua dignidade, agindo astutamente de modo a tomar o controle da sua vida. Sua narrativa traz complexo equilíbrio entre verdade, palavra e silêncio, entre o que é dito, o que é implícito e o que silenciado. Como em toda autobiografia, há um pacto que Harriet respeita e reitera: o da verdade.

Referências Bibliográficas

LEJEUNE, Philippe. "The Autobiographical Contract". In: TODOROV, T. *French Literary Theory Today*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. p. 192-222.

_____. "Autobiografia e ficção". _____. *O Pacto Autobiográfico de Rousseau à Internet*. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. Trad. Jovita M. G. Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008. p. 103-9.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude, usos e costumes*. 3. ed. São Paulo: Autêntica, 2009.

_____. O negro no Brasil de hoje. São Paulo: Global, 2006.

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 3 vol.

YELLIN, Jean Fagan. Harriet Jacobs: A Life. Cambridge, Massachusetts: Basic Civitas Books, 2004.

Fonte Financiadora

PIBIC,PROPEX/CPAE (UNESC)

Oral - Relato de Experiência

Humanidades - Literatura

O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) NA UNESC

DIAS, L. L., ROSÁRIO, S. D. A.

leomara257@hotmail.com, silbiadanielle1@hotmail.com

Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
Laboratório / Grupo de Pesquisa: PIBID-LETRAS

Palavras-chave: Pibid, formação docente, teoria, prática, letramento literário

Introdução

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – doravante Pibid é uma ação que busca enriquecer e aperfeiçoar a formação dos professores para o Ensino Básico, que oferece bolsas para o início da prática docente a acadêmicos de Licenciaturas em diversas universidades no país, juntamente com escolas da rede pública. Desse modo, os bolsistas são inseridos no ambiente escolar durante o seu processo de formação, a fim de favorecer as relações entre a teoria e a prática.

O subprojeto de Letras está voltado para o desenvolvimento do letramento literário do aluno, com o intuito de intensificar o estudo da literatura sob a perspectiva de letramento, acentuando o contato com o objeto literário, ou seja, focando a atenção no texto em si, com a finalidade de tratá-lo em caráter interpretativo. Desta maneira, o projeto tem como principal objetivo fazer com que o aluno estabeleça um contato e aproxime-se de práticas de leitura de textos literários, possibilitando-o aprimorar sua competência leitora em seus níveis variados a fim de contribuir para o uso da leitura e também da escrita de modo que venha exercer o seu potencial comunicativo, cujo propósito é o desenvolvimento social e cultural, posto que tal habilidade irá favorecer o desempenho do aluno nas várias áreas do conhecimento

Metodologia

Desenvolvido em parceria com a Escola Estadual Governador Heriberto Hulse, a partir do ano de 2012 e mais recentemente, 2014, com a Escola de Educação Básica Antônio Milanez Netto, ambas localizadas no município de Criciúma, as quais atendem alunos do Ensino Médio.

Entre as atividades foram realizadas: sessão de cinema, acompanhada de leitura e discussão de contos; varal literário, com exposição de pequenos poemas e frases produzidas pelos alunos. Foi criado um blog, um tumblr e uma

página no facebook, denominados “O Canto das Letras”, nos quais os bolsistas publicam textos e imagens das atividades, mantendo-os atualizados diariamente com novas fotos e temas relacionados à proposta do Programa na escola.

Os bolsistas elaboraram uma atividade chamada “Roda Literária”, em que foram realizadas, semanalmente, rodas de leitura e discussão de contos e crônicas, bem como outra denominada “Literatura Viva”, na qual os acadêmicos fizeram a leitura conjunta do conto “O Gato Preto” de Edgar Allan Poe, seguida de discussão com os estudantes. Estes foram convidados a opinar sobre o texto e os pontos que chamaram sua atenção. Logo após, os bolsistas apresentaram brevemente um material acerca da escrita do autor. Ao final, foram exibidas adaptações cinematográficas de contos de mesma autoria.

Resultados e Discussão

O resultado foi extremamente satisfatório, pois o subprojeto de Letras alcançou o objetivo proposto, o letramento literário, provando que é possível ensinar literatura sob a perspectiva interpretativa, estimulando dessa forma o aluno a desenvolver seu pensamento crítico e atuar de modo consciente na sociedade. Por conseguinte, o resultado apresentado pelo subprojeto atende concomitantemente a proposta do curso de Letras da UNESC, no sentido de formar profissionais comprometidos com o papel político social que desempenham na realidade escolar em que estão inseridos.

Conclusão

A participação no Pibid certamente será um marco muito significativo para a formação e qualificação de todos os acadêmicos do curso de Letras, posto que, aos bolsistas, a experiência com o subprojeto é extremamente rica e de muita relevância para o exercício de ser professor, pois proporcionou a aproximação entre a teoria e a prática, de modo que transmitiu a todos maior segurança ao abordar a Literatura e a Língua

Portuguesa na escola, partindo de um contato direto com o texto literário.

Em suma, o projeto exerce um grande diferencial na formação dos bolsistas, visto que o contato inicial com os alunos em sala de aula é de grande importância para o resultado que será apresentado em nossa profissão. O projeto possibilita a descoberta dos bolsistas como educadores, buscando novos métodos de ensino, vivenciando a prática em sala de aula.

Referências Bibliográficas

POE, Edgar Allan. Histórias extraordinárias. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1981. 430 p.

Fonte Financiadora

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

Oral - Extensão

Humanidades - Literatura

SALA DE LEITURA: FORMANDO LEITORES LITERÁRIOS E TRANSFORMADORES

VERDIERI, G. G., TAVARES, A. P., MEZARI, D. C., RABELLO, P.

geisianegregorio@gmail.com, anapaular_tavares@hotmail.com, day_mezari@hotmail.com, prisrabello@hotmail.com

Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE

Laboratório / Grupo de Pesquisa: projeto de extensão sala de leitura

Palavras-chave: leitura, escrita, textos, projeto, alunos

Introdução

Sabe-se que hoje os alunos dos ensinos fundamental e médio têm certa carência no que diz respeito ao contato com textos literários. Em resumo, o ensino de literatura que lhes é oferecido baseia-se, principalmente, nos períodos literários e em suas respectivas características. Desse modo, os alunos têm contato, na maior parte do tempo, com apenas trechos de obras consagradas, o que, de certa forma, os afasta do principal objetivo do ensino de literatura: o estudo do objeto literário, o que acaba por gerar maior afastamento entre os alunos e a leitura. Além disso, as provas nacionais que servem para avaliar o desempenho dos alunos (Provinha Brasil, ENEM, etc.) revelam que há uma necessidade enorme de se dar maior ênfase às atividades de leitura e escrita nas escolas, visto que os resultados demonstram grande dificuldade em resolver questões que exigem capacidade de leitura e interpretativa por parte dos alunos.

Com o objetivo de atuar no sentido de minimizar a carência de leitura presente na maior parte dos estudantes de nossa rede pública de ensino, foi criado, em 2013, o projeto Sala de Leitura, que tem, portanto, como objetivo, oferecer a oportunidade de contato integral com textos literários a alunos do ensino fundamental, a fim de letrá-los literariamente. Com base nos resultados obtidos com a execução do projeto, o Sala de Leitura foi estendido por mais dois anos, ocorrendo somente a mudança dos alunos participantes a cada ano.

O projeto, no entanto, não se resume simplesmente à leitura de textos e obras. São realizadas, também, atividades de interpretação e escrita com os alunos, para que as bolsistas que executam o projeto possam acompanhar o desenvolvimento de cada aluno ao longo do percurso.

O Sala de Leitura tem como fundamentação teórica autores como Bakhtin (2000), Colomer (2003), Lajolo (1982) e Zilberman (1988).

Metodologia

Durante os meses de março e abril, as bolsistas responsáveis pela execução do projeto passaram por um período de leituras, que fundamentaram a elaboração das atividades e também permitiram a elas uma maior preparação para a execução destas.

O projeto, neste ano, continua sendo realizado na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF) Pascoal Meller, ainda com os alunos do quinto ano, por conta da proximidade entre escola e universidade e da já adquirida familiaridade das bolsistas com os funcionários da escola.

Os encontros do projeto, neste ano, passaram a ser realizados às terças-feiras; o primeiro deles ocorreu no dia 20 de maio. A estratégia adotada pelas bolsistas foi a leitura em conjunto da obra escolhida (um conto por encontro no início do ano, passando para a leitura de obras completas ao longo do semestre) durante uma parte do encontro, seguida por atividades que estimulassem a capacidade de leitura, de interpretação e de escrita dos alunos participantes. Essa estratégia tem sido seguida desde então, em todas as terças-feiras, das 8h30min às 10h.

Resultados e Discussão

Deve-se destacar que o projeto está e estará em execução até o próximo ano. No entanto, os resultados obtidos até então foram bastante satisfatórios. O acompanhamento dos resultados demonstrou, até o momento, uma significativa melhora na capacidade de escrita e leitura dos alunos, tal como um aumento no interesse destes pela prática da leitura.

Conclusão

Faz-se necessário enfatizar, novamente, que o projeto aqui descrito continua em execução, sendo impossível, portanto, apresentar conclusões concretas. No entanto, como dito acima, já é possível notar, assim como no ano

passado, uma significativa melhora no desempenho e na cativação dos alunos pela prática da leitura e da escrita, o que significa que o projeto está alcançando o objetivo ao qual foi inicialmente destinado.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

COLOMER, Teresa. A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual. São Paulo: Global, 2003.

LAJOLO, Marisa. Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na república velha. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. São Paulo: Contexto, 1988.

Fonte Financiadora

Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc)

Oral - Pesquisa

Humanidades - Literatura

O SERTÃO E A LEI: AS FACES DA JUSTIÇA EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

CARDOSO, S., CECHINEL, A.

samuel_cardoso@hotmail.com, andrecechinel@unesc.net

Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE

Laboratório / Grupo de Pesquisa: Grupo pesquisa

Palavras-chave: sertão, lei, justiça

Introdução

João Guimarães Rosa é um dos nomes mais conhecidos da literatura brasileira. Uma das características mais apreciadas em sua obra é o sempre lembrado realismo de seus personagens. Em seu mais conhecido célebre trabalho, Guimarães Rosa apresenta a seus leitores a figura do jagunço, espécie de fora da lei, sob um ponto de vista distinto de seus predecessores regionalistas. O jagunço de Guimarães Rosa não é um simples bandido ou malfeitor, mas uma espécie de homem que vaga pela solidão do sertão em busca de um caminho para a salvação. Este trabalho pretende abordar a questão da lei e da justiça no romance Grande Sertão: Veredas, seguindo os passos de seus principais personagens, em busca da motivação que os impulsiona. Pretende-se demonstrar que a justiça, no romance rosadiano, surge em dois planos: um real, no qual será representada pelo raro poder do estado e pela vontade dos chefes jagunços, e um simbólico, mais difuso e difícil de definir, que representa o próprio conflito humano em busca da verdade.

Metodologia

Para isso, o artigo se utiliza de uma pesquisa bibliográfica, contrapondo artigos de estudiosos da literatura rosadiana e artigos que exploram a figura do jagunço na literatura brasileira e a solidão de um sertão sem lei. Mas a principal base para a pesquisa será o próprio romance de Guimarães Rosa, por meio da análise de seus principais personagens, da complexidade de suas ações, das dúvidas de seu protagonista e da existência do bem e do mal na terra.

Resultados e Discussão

José Carlos Garbuglio, expandindo a análise de Cavalcanti Proença, identifica, no romance Grande Sertão: Veredas, a presença de dois planos narrativos: um plano horizontal, no qual se desenrola uma história de amor e ódio, repleta de interesses econômicos e políticos, e um plano vertical, no qual transparecem todas as incertezas

e dúvidas do personagem narrador, uma espécie de sertão místico, onde os personagens são carregados com a aura do bem e do mal. No interior do romance, alguns personagens tipificam a justiça dos homens, caso de Joca Ramiro, que representa o peso da tradição do sertão e a força da lei que nasce não das decisões de políticos distantes, mas da força da própria terra sertaneja, ou Zé-Bebelo, estrangeiro no sertão, símbolo da força do estado que tenta vencer o suposto caos jagunço. Outros personagens representam o sertão místico, como Hermógenes, perverso, uma espécie de encarnação do demônio, que não possui nenhuma razão para torturar e matar além de uma índole cruel, ou Medeiro Vaz, o arquétipo do justiceiro, que rejeitou a fortuna dos pais, colocou fogo na casa que herdara de seus antepassados e saiu pelo sertão a fim de castigar os criminosos e trazer paz às pessoas de bem. Porém, o personagem que melhor representa esse sertão místico é Diadorim, a quem Benedito Nunes (1976) compara à figura mitológica e andrógena do Eros: homem e mulher, cavaleiro e donzela ao mesmo tempo, como bem lembra Subirats (2014). Diadorim é a figura da beleza delicada e rude do próprio sertão. Em meio a tudo isso, temos um protagonista narrador em busca de um caminho, um herói em formação. Um personagem que cresce, amadurece e aprende com a vida perigosa do sertão e com a perda de seu grande amor.

Conclusão

No romance de Guimarães Rosa, os personagens atingem um intenso grau de complexidade. O mundo-sertão é uma terra sem lei e sem dono. Os grandes líderes do romance surgem para cumprir um papel que deveria ser do estado, o papel de criar e aplicar leis. Os jagunços, por outro lado, são homens que nasceram e cresceram na solidão da terra, são exatamente aquilo que o sertão criou. O sertão de Guimarães Rosa é rude, mas belo. Seus principais personagens são complexos e é difícil, se não impossível, entendê-los por completo. São personagens em conflito em um mundo em

conflito, um mundo dividido em dois, um real e um simbólico. São, acima de tudo, homens livres, em busca de seu próprio caminho, guiados por sua própria lei.

Referências Bibliográficas

GARBUBLIO, José Carlos. O mundo movente de Guimarães Rosa. São Paulo: Ática, 1972, 138p.

NUNES, Benedito. O dorso do tigre. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SUBIRATS, Eduardo. Mito Y literatura. México: Siglo XXI editores, 2014.

Fonte Financiadora

PIBlc/ Unesc.

Oral - Relato de Experiência**Humanidades - Literatura****FAÇA UM CÍRCULO COM OS AMIGOS E CONTE SEU PASSADO: UMA EXPERIÊNCIA DE MEMÓRIA COLETIVA COM OS ALUNOS DO CURSO DE LETRAS****OLIVEIRA, E. R.***elo@unesc.net***Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
Laboratório / Grupo de Pesquisa: PIBID***Palavras-chave: memória coletiva. escrita criativa.***Introdução**

Este resumo tem por objetivo compartilhar uma experiência de ensino aplicada com uma turma de 7ª fase do curso de Letras no primeiro semestre do corrente ano. Durante as aulas da disciplina de Escrita Criativa, os alunos foram envolvidos numa atividade de produção escrita cuja temática principal foi suas memórias do primeiro dia de aula na Universidade. No decorrer do semestre, essa atividade teve alguns desdobramentos e resultou numa produção coletiva de um vídeo memorial em homenagem aos 40 anos do curso de Letras.

Metodologia

De acordo com Maurice Halbwachs, em *A Memória Coletiva*, toda lembrança individual está permeada pela memória coletiva. Nesse caso, a lembrança é um ato coletivo, pois “nunca estamos sozinhos em nossas lembranças.” (HALBWACHS, 2006, p.35) Durante uma das atividades da disciplina, os alunos produziram um texto, primeiramente, individual, cujo objetivo seria lembrar e recontar sobre o primeiro dia de aula no curso de Letras. Numa roda de leitura, todos leram seus textos em voz alta e perceberam ao fim das leituras o quanto em comum havia em suas produções.

Resultados e Discussão

Além disso, ficou claro também o teor da ficção e do esquecimento que se dá a memória (POLLAK,

1989). Dadas essas reflexões, produzimos um único texto da turma com as lembranças em comum, e seleção das melhores frases de cada aluno. Assim, montamos um mosaico de memórias e convidamos alguns professores do curso a lembrarem de seu primeiro dia de aula.

Conclusão

Ao fim da atividade, o texto foi gravado por todos da turma e editado por um dos alunos. O produto final tratou-se de um vídeo memorial, com substâncias diferentes, percepções que se cruzaram e confrontaram, contradisseram, mas todas unidas por uma certeza em comum: naquele momento da filmagem, os alunos demonstraram se reafirmar como alunos do curso. A atividade envolveu não apenas o trabalho com a memória, mas também o construção de uma identidade em comum: a de sujeitos que escolheram a educação e a linguagem para suas vidas.

Referências Bibliográficas

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

Oral - Pesquisa**Humanidades - Literatura****A PRESENÇA DA MÚSICA NO LIVRO “O CORTIÇO” DE ALUÍSIO AZEVEDO****SILVA, V. M., SOUZA, L. R., OLIVEIRA, E. R.***valerymarx2010@hotmail.com, lidiane_ris@hotmail.com, elo@unesc.net***Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
Laboratório / Grupo de Pesquisa: Curso de letras***Palavras-chave: Música; Literatura; O Cortiço; Aluísio de Azevedo***Introdução**

Aluísio de Azevedo foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e é considerado um dos pioneiros da literatura naturalista no Brasil. “Foi funcionário público, jornalista, professor, teatrólogo, caricaturista, cenógrafo, romancista e até arriscou na poesia” (VENCIGUERRA; PETRÔNIO, 2006). O livro *O cortiço* escrito por Aluísio de Azevedo é um dos principais livros do Realismo brasileiro e nota-se ao realizar a leitura do mesmo a presença da música em vários momentos da obra. Desse modo, esta pesquisa visa comprovar e entender a presença da música no livro *O cortiço* de Aluísio de Azevedo.

Metodologia

A pesquisa foi feita em cunho qualitativo e bibliográfico. Após leitura do livro e de sua crítica literária, debruçou-se sobre a questão específica da música como objeto principal a ser analisado.

Resultados e Discussão

Sendo um gênero universal, a música consegue aproximar os povos. Cerca, envolve, encanta o ser humano ao mesmo tempo em que consegue falar de tudo: do amor, da nacionalidade, da crítica política, etc. Encontra ouvintes em todos os cantos e se manifesta em variedades de formas (PIVETTA, 2014). No enredo de *O cortiço* são tecidas várias histórias que se ligam entre si. João Romão, português que chega ao Brasil pobre, consegue, com a ajuda de Bertoleza (escrava), construir o cortiço, ambiente este que acolhe pessoas humildes, como lavadeiras e trabalhadores e onde se passa a história. Dentre essas pessoas, encontra-se Rita Baiana, uma das muitas lavadeiras que moram no cortiço, mulata bem feita de corpo e que adora dançar ao som do samba. Na roda de samba Rita dança sensualmente, deliciando-se com a atenção de todos e em especial com a de Jerônimo, agora seu companheiro das noites de festa: “[...] ela, consciente do feitiço que lhe empunha, ainda mais se requebrava e remexia, dando-lhe

embigas ou fingindo que lhe limpava a baba no queixo com a barra da saia” (AZEVEDO, 2006, p. 87), o qual cada vez mais evidencia sua paixão pela morena:

“[...] durante o pagode ficava de queixo bambo, a ver dançar a mulata, abstrato, pateta, esquecido de tudo; babão. [...] Jerônimo já nunca pegava na guitarra senão para procurar acertar com as modinhas que Rita cantava. Em noites de samba era o primeiro a chegar-se e o último a ir embora.” (AZEVEDO, 2006, p. 87).

Pode-se evidenciar nesta pesquisa que Rita Baiana usa na dança, mais especificamente no samba, toda sua sensualidade para fazer com que Firmo continue mantendo seu relacionamento amoroso, como também, usa o mesmo artifício, ou seja, sua sensualidade e malemolência para conquistar o amor do Português Jerônimo, fazendo com que este abandone a esposa e seus modos trazidos de além mar para se tornar “abrasileirado”.

Conclusão

Em *O cortiço* de Aluísio de Azevedo (1890), a música, ou mais estreitamente, o samba, é fator essencial para que ocorra o romance entre Rita baiana e o capoeira Firmo, assim como também o posterior envolvimento da mulata (Rita) com o Português Jerônimo, criando o trio amoroso que se desenvolve ao decorrer do livro. Notou-se, portanto, a evidência dos ritmos musicais como substância para os momentos de interação e, sobretudo, de sensualidade entre as personagens da obra.

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, A. *O Cortiço*. São Paulo: Escala Educacional, 2006.
- PIVETTA, LA. *Rita Baiana: A malandra no Cortiço de Aluísio de Azevedo*. Sarau Eletrônico: FURB, Blumenau, p.1-5, 2014.
- VENCIGUERRA, M; PETRONIO, R. *Aluísio Azevedo e seu O Cortiço*. In: AZEVEDO, A. *O Cortiço*. São Paulo: Escala Educacional, 2006. p. 218-256.

Oral - Pesquisa

Humanidades - Literatura

LETRAMENTO LITERÁRIO: ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O TRABALHO EM SALA DE AULA

ROSSO, A. C., JESUS, T. D.

nynerosso@gmail.com, talitaduarte_sc@hotmail.com

Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
Laboratório / Grupo de Pesquisa: Observatório da educação - obeduc

Palavras-chave: Literatura; ensino; estratégias; leitura; sala de aula

Introdução

Atualmente, com a mídia e as tecnologias dominando o tempo e a mente do indivíduo por meio do acesso rápido à informação, estamos frente a uma dificuldade de formarmos cidadãos letrados e o problema se torna ainda maior quando falamos em literatura cânone. Soares (2001) afirma que o letramento vai além da decodificação, pois envolve habilidades de leitura e escrita que o sujeito associa às suas práticas sociais. Ao aplicar o conceito de Soares ao letramento literário, não o pensamos apenas como a ação de ler textos literários, mas como uma prática significativa ao leitor.

Metodologia

Trabalho de cunho bibliográfico, com referências de Soares (2001), Pinheiro (2006), Cândido (1989), entre outros.

Resultados e Discussão

Acredita-se que é papel da escola e dos professores formar leitores de literatura. É possível afirmar que, em sua maioria, alunos não tendem a despertar o hábito de leitura literária sozinhos. Desta forma, o professor, além de ser proficiente em leitura e ter domínio sobre os textos literários, precisa ter uma metodologia eficiente para cativar seu aluno e instigar seu interesse por literatura. As conclusões as quais chegamos remetem a existência de uma “crise” (ZILBERMAN, 1988, p. 15) no âmbito da leitura literária que, em muito, se deve à falta de compreensão dos textos. Outro fator que tem influenciado nesta falta de interesse por literatura são “tecnologias de informação” (ZILBERMAN, 1988, p. 9). Conforme Zilberman (1988) os jovens tendem a não ir à busca de livros para leitura de maneira frequente, mesmo com a disponibilização dos materiais. Zilberman (op. cit.) salienta que, o professor, enquanto formador, precisa pesquisar e adotar estratégias que levem a superação dos obstáculos instaurados no ensino de leitura

literária. É importante destacar que não existe uma “receita” para o prazer pela leitura, mas existem estratégias que, se adotadas, favorecem a aquisição pelo gosto desta prática. As conclusões apontam que é necessário que o professor seja um profissional empenhado, e, acima de tudo, um exímio leitor.

Conclusão

O professor, enquanto formador, precisa pesquisar e adotar estratégias que levem a superação dos obstáculos instaurados no ensino de leitura literária. É importante destacar que não existe uma “receita” para o prazer pela leitura, mas existem estratégias que, se adotadas, favorecem a aquisição pelo gosto desta prática. As conclusões apontam que é necessário que o professor seja um profissional empenhado, e, acima de tudo, um exímio leitor.

Referências Bibliográficas

- CANDIDO, Antônio, In: Fester, A. C. Ribeiro (org). Direitos Humanos e Literatura. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007. 139 p.
- PINHEIRO, Marta Passos. Letramento literário na escola: um estudo de práticas de leitura literária na formação da “comunidade de leitores”. 2006. 306 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: . Acesso em: 16 jun. 2014.
- SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 125 p.
- ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. São Paulo: Ed. Contexto, 1988. 146 p.

Oral - Relato de Experiência**Humanidades - Literatura****FORMAÇÃO DE LEITORES X FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA EXPERIÊNCIA EM AULAS DE LITERATURA INFANTOJUVENIL****CARVALHO, R. S.***rsc@unesc.net***Instituição: UNESC - UNESC****Laboratório / Grupo de Pesquisa: Iapel / GLETRADI***Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil. Formação de professores. Formação de leitores***Introdução**

Este relato de experiência docente faz parte de minha prática pedagógica na disciplina de Literatura Infantojuvenil no curso de Pedagogia. Leciono essa disciplina há cinco anos, portanto, já houve experiência com dez turmas. A cada semestre, desenvolvo junto aos alunos reflexões acerca da formação de leitores e de suas próprias vivências como leitores literários. Partimos do pressuposto que para serem professores que trabalharão leitura com seus alunos, sobretudo leitura literária, eles próprios devem redimensionar conhecimentos acerca da leitura, tanto teoricamente quanto na fruição.

Metodologia

Inicialmente, faço um diagnóstico sobre as experiências de leitura dos alunos, em especial a leitura em suas infâncias. Muitas são as memórias, desde aqueles que nada lembram (ou de fato não tiveram) até aqueles que leram clássicos, tinham livros em casa ou uma boa prática de leitura na escola. Na disciplina de Literatura Infantojuvenil, que é ofertada no segundo semestre do curso de Pedagogia, a leitura de textos de literatura infantojuvenil é feita de diversas formas, desde a leitura descompromissada até a leitura dramática trabalhada também com o intuito da performance – elemento que será importante na prática docente de professores da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamenta. Entre os gêneros literários presentes em nossas aulas estão fábulas, contos e poemas. Uma das atividades centrais do semestre é a leitura e posterior discussão do romance “O Pequeno Príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry. Não menos importante fazemos uma discussão da própria natureza dos textos classificados como de literatura infantojuvenil, atividade que perpassa todas as outras ações de fruição e de metodologia do trabalho com literatura.

Resultados e Discussão

De maneira geral, a constatação preliminar é de que os alunos pouco ou nada têm de experiências de leitura literária. Muitos relatam que não se lembram de como eram suas aulas na escola. Em geral, mesmo aqueles que se lembram do pouco que liam na infância, relatam que agora não mais leem com frequência. O trabalho na disciplina, portanto, é além de fazer com que os futuros professores se preparem para o trabalho com literatura, também possam ter a possibilidade de fruição estética, quando entram em contato com textos literários. Frequentemente pode ser percebido, por meio de registros propositivos (relatos e ensaios produzidos pelos alunos), um redimensionamento da própria prática de leitura por parte dos acadêmicos a qual será importante como base para a prática docente vindoura.

Conclusão

A formação de professores por si só já demanda a necessidade de leitura. Há uma incompatibilidade instaurada: “professor que não lê não pode...”. Quando se trata de cursos de licenciatura essa relação se potencializa. Se o acadêmico está estudando para ser professor, terá que, desde os bancos universitários, experimentar a agriçoce prática da leitura. E se esse professor está se construindo também para a formação de leitores, especialmente as crianças, o exercício literário terá de fazer parte de seu cotidiano.

Referências Bibliográficas

- COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. O Pequeno Príncipe. 36 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1990.
- ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. São Paulo: Contexto, 1988.

Fonte Financiadora

Apesar desse trabalho especificamente não ter financiamento, sou bolsista de doutorado do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior (FUMDES) – SC

Oral - Pesquisa**Humanidades - Literatura****O VAZIO DA FACA: JOÃO CABRAL E SUAS IDEIAS FIXAS****ACHIN, B. A., CECHINEL, A.***brunofachin@hotmail.com, andrecechinel@unesc.net***Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE****Laboratório / Grupo de Pesquisa: Littera***Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto, Uma faca só lâmina, Poesia***Introdução**

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os indícios da concepção de criação poética de João Cabral de Melo Neto presentes em seu poema

Metodologia

Esta pesquisa possui cunho bibliográfico e caráter qualitativo. No decorrer da pesquisa foram trabalhados textos referentes à teoria e crítica literária, juntamente com a análise da obra poética de João Cabral de Melo Neto. Cada leitura foi sucedida por discussões, realizadas juntamente com o professor orientador, concernentes aos textos em pauta, buscando relacioná-los entre si e ao tema proposto no projeto. Produziu-se também resumos sobre cada texto analisado, com o intuito de registrar e organizar conceitos relativos à tradição presentes na obra de João Cabral.

Resultados e Discussão

Segundo Benedito Nunes, “devido à natureza simbólica da linguagem e ao horizonte perceptivo que a circunscreve, ambos assumidos pela poética de João Cabral, a caça às imagens, sempre deceptiva, mas sempre exigida pelo caráter multissimbolizável da realidade, é como a caça ao Snark. Quanto mais se amplia a rede verbal de que é feito e com que se tenta caça-lo, mais ele escapa através de suas malhas” (1971, p.104). Em *Uma faca só lâmina*, João Cabral busca apresentar a constante impossibilidade de total apreensão da realidade por meio da linguagem, uma vez que, “ao tentar apreendê-la / toda imagem rebenta” (MELO NETO, 2007, p.153). Porém tal impossibilidade não se mostra nociva à poesia, uma vez que “João Cabral rejeita o idealismo da totalização; o discurso poético, renunciando ao silêncio ou à autocomemoração, traduz, assim, o preencimento, parcial e possível, de uma incompletude, que persiste sempre em aberto” (SECCHIN, 1999, p.132).

Conclusão

Concluiu-se por meio desta pesquisa que a insuficiência e impossibilidade de apreensão e representação da realidade por meio da linguagem não se faz nociva à produção poética, uma vez que “esta insuficiência não é trágica; as defasagens entre a palavra e o objeto, o comparante e o comparado, os poemas e “a lembrança” e “a realidade” são, na verdade, os recursos que favorecem a inventiva poética e a força criadora da palavra” (PEIXOTO, 1983, p.134).

Referências Bibliográficas

- CARONE, Modesto. *A poética do silêncio*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina e outros poemas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- PEIXOTO, Marta. *Poesia com coisas: uma leitura de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- REBUZZI, Solange. *O idioma pedra de João Cabral*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: a poesia do menos e outros ensaios cabralinos*. 2ªed., rev. e ampliada. Rio de Janeiro/São Paulo: Topbooks/ Universidade de Mogi das Cruzes, 1999.
- SENNA, Marta de. *João Cabral: tempo e memória*. Rio de Janeiro: Antares, 1980.
- SHIGUEHARA, Alexandre Koji. *Ao longo do rio: João Cabral e três poemas do Capibaribe*. São Paulo: Hedra, 2010.
- SOUZA, Helton Gonçalves de. *A poesia crítica de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Annablume, 1999.
- _____. *Dialogamas concretos: uma leitura comparativa das poéticas de João Cabral de Melo Neto e Augusto de Campos*. São Paulo: Annablume, 2004.

Fonte Financiadora

PIC-170, PROPEX/CPAE (UNESC)